

PREFÁCIO

Ando à procura de espaço
para o desenho da vida.
Em números me embaraço
e perco sempre a medida.
Se penso encontrar saída,
em vez de abrir um compasso,
protejo-me num abraço
e gero uma despedida.

Cecília Meireles, *Canção excêntrica*

A PROPOSTA GERAL DESTES LIVROS É fazer trabalhar as articulações entre o gume cortante da verdade do inconsciente e a vertente cirúrgica da operação analítica. *Canção excêntrica*, de Cecília Meireles, pode aludir à aventura do sujeito em seu esforço de desenhar a vida a partir da desmedida – a poderosa melodia das pulsões, como diz Freud. O trabalho analítico, aliás, não deixa de ter relação com a poesia, conforme indicou Lacan, valendo-se da obra freudiana, porque propõe trazer a palavra para o mais próximo possível do desejo (Jorge & Ferreira, 2005: 70).

Com a força poética que caracteriza seu estilo, Sigmund Freud afirma que aquele que se deixa levar pelas artimanhas do eu e toma suas falsificações como moeda legítima estará na companhia das resistências, que se opõem à ênfase conferida pela psicanálise ao inconsciente e à sexualidade. Ele defende que a psicanálise não é um capítulo qualquer da clínica, pois tem uma estrutura teórica e uma técnica que se inter-relacionam com a teoria das neuroses. O trabalho da psicanálise mostra que o eu tem papel na criação e na manutenção dos sintomas. E esse eu, pouco digno de confiança, é “o poder que nega e desacredita o inconsciente” (Freud, 1917: 443), mantendo-o recalcado.

Assim, do solo psicanalítico nasce uma inovadora concepção do psiquismo e de um trabalho implicando que o sujeito possa conduzir-se de acordo com a verdade de seu desejo.

Sabemos que, numa época em que se fala de “novos sintomas”, é especialmente importante fazer valer o ensinamento freudiano de que eles se apresentam como máscaras, isto é, como camuflagens subjetivas que sinalizam que algo não vai bem. Jacques Lacan, em seu projeto de retorno à obra de Freud, resgata o verdadeiro sentido de sintoma para o criador da psicanálise: “o significante de um significado recalçado da consciência do sujeito. Símbolo escrito na areia da carne e no véu de Maia, ele participa da linguagem” (Lacan, 1953: 282). Justamente por isso, o sintoma, estruturado como linguagem, é uma “fala amordaçada”, uma fala que precisa ser libertada, outro modo de dizer que, na decifração dessa fala, enfeitada por múltiplas roupagens, revelam-se as estruturas clínicas (neuroses, perversões e psicoses) em que se produzem as estratégias para evitar a castração e permanecer na ignorância do desejo e das pulsões.

É lógico que inibição, fobia, angústia e demais sintomas são revestidos pela cultura e pelos artefatos (objetos) da época. Freud, em “O mal-estar na civilização” (1930), enumera uma série de invenções e construções que encurtam as distâncias, agilizam as viagens e ampliam os limites da visão e da audição do homem: telefone, avião, ferrovias, óculos, telescópio, microscópio, câmera fotográfica, gramofone etc. Ainda assim, tais recursos, frutos da ciência, em nada colaboram para aliviar o sofrimento do homem e chegar à tão prometida e nunca alcançada felicidade. Ao contrário, o alicerce de toda cultura está na renúncia ao desejo e às pulsões. Sem dúvida, o mal-estar é efeito das exigências sociais e religiosas impostas ao eu, as quais contribuem para o recalque, cuja lei é o retorno do recalçado sob a forma de sintoma. Trava-se, assim, uma luta entre o sujeito do inconsciente e o eu. Por um lado, o inconsciente desconhece o não; por outro, o eu realiza o recalque, fazendo com que a vida seja comandada pelo dever de renunciar ao desejo e à singularidade do gozo de cada um.

Em sua maioria, os textos aqui reunidos foram preliminarmente apresentados no II Encontro Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, ocorrido no Rio de Janeiro de 14 a 16 de outubro de 2010 e reunindo os diversos Núcleos e Seções que compõem a Escola em torno do tema “A neurose em análise: histeria, obsessão, fobia”. Partem da premissa de que a neurose é uma estrutura e de que “ela não é feita apenas de sintomas decomponíveis em seus elementos significantes e nos efeitos de significado desses significantes [...] toda a personalidade do sujeito traz a marca dessas

relações estruturais” (Lacan, 1957–8: 486–7). E afirmam a especificidade de um campo clínico a se desenhar na fina diferenciação diagnóstica que leva em conta o vigor da descoberta freudiana e sustenta uma operação mais próxima não da cosmética, e sim da cirurgia, por tocar, como afirma Freud, na fundação dos sintomas.

Na primeira parte, intitulada “Fantasia e estrutura”, Marco Antonio Coutinho Jorge, Laéria Fontenele, Nadiá Paulo Ferreira, Betty B. Fuks, Ana Augusta Brito Jaques e Germano Quintanilha Costa trazem contribuições que destacam o tema da fantasia inconsciente, isolada por Lacan como categoria fundadora do sujeito. Por ser constitutiva da realidade psíquica, a fantasia fixa o desejo do sujeito numa relação com determinado objeto e parcializa o gozo ilimitado da pulsão de morte, situando o desejo em sua relação primordial com a falta. Em regra, esse grupo de trabalhos tematiza aspectos da articulação teórica entre fantasia e estrutura, linguagem e gozo.

Na segunda parte, intitulada “Clínica diferencial”, Francisco Frazão, William Amorim de Sousa, Ronald de Paula Araújo, Heloneida Neri, Julia Cristina Tosto Leite, Felipe Castelo Branco, Lucia Maria de Freitas Perez e Silvia Trigo Bunlai trabalham temas com um enfoque mais clínico, no sentido apontado por Freud: o trabalho analítico acontece por intermédio de uma operação, tornada possível por circunstâncias muito especiais (a transferência) sobre pontos “bem distantes do sintoma”. Para Freud, as forças motrizes da operação analítica estão relacionadas a um trabalho de diferenciação diagnóstica que parte da referência ao inconsciente e ao pulsional.

Os fundamentos do trabalho de análise, reelaborados por Lacan na formulação do discurso do analista, reafirmam seu profundo enraizamento na investigação dos avatares da constituição subjetiva. A valorização da fala, em sua referência ao inconsciente, abre a possibilidade da produção de um saber singular e de uma orientação pela via do desejo em sua relação última com o desamparo. Convidamos os leitores, principalmente os analistas em seu desafio fundamental de uma formação permanente, a dar continuidade à aventura freudiana.

*Nadiá Paulo Ferreira
Julia Cristina Tosto Leite*